

Sertão vira deserto, em vez de mar

Desertificação prevista por agrônomo em 77 avança em Tocantins e pode dividir país em dois

Leandro Fortes

JALAPÃO (TO)

Enviado especial

O sitiante Joaquim Ferreira da Silva, o vereador Raimundo Nonato dos Santos e o professor Emivaldo Russo Cunha parecem beduínos andando sobre a areia cor-de-cobre das Dunas do Deserto do Jalapão, em Tocantins, e têm certeza de que pisam no que já foi o fundo do mar há muito tempo. Pensam assim porque, desde que a Petrobras pesquisou a existência de óleo na região no início da década de 90, espalhou-se pelo Jalapão a história de que a areia que avança sobre o local é o que sobrou do mar.

Fantasia à parte, o que eles vêem foi previsto há 20 anos. Não por um profeta, mas pelo agrônomo pernambucano João Vasconcelos Sobrinho, que disse na I Conferência das Nações Unidas sobre Desertificação, em 1977, no Quênia, que o sertão não viraria mar, mas um imenso deserto de dois milhões de quilômetros quadrados, dividindo o Brasil em dois — uma área seca quatro vezes maior que a França.

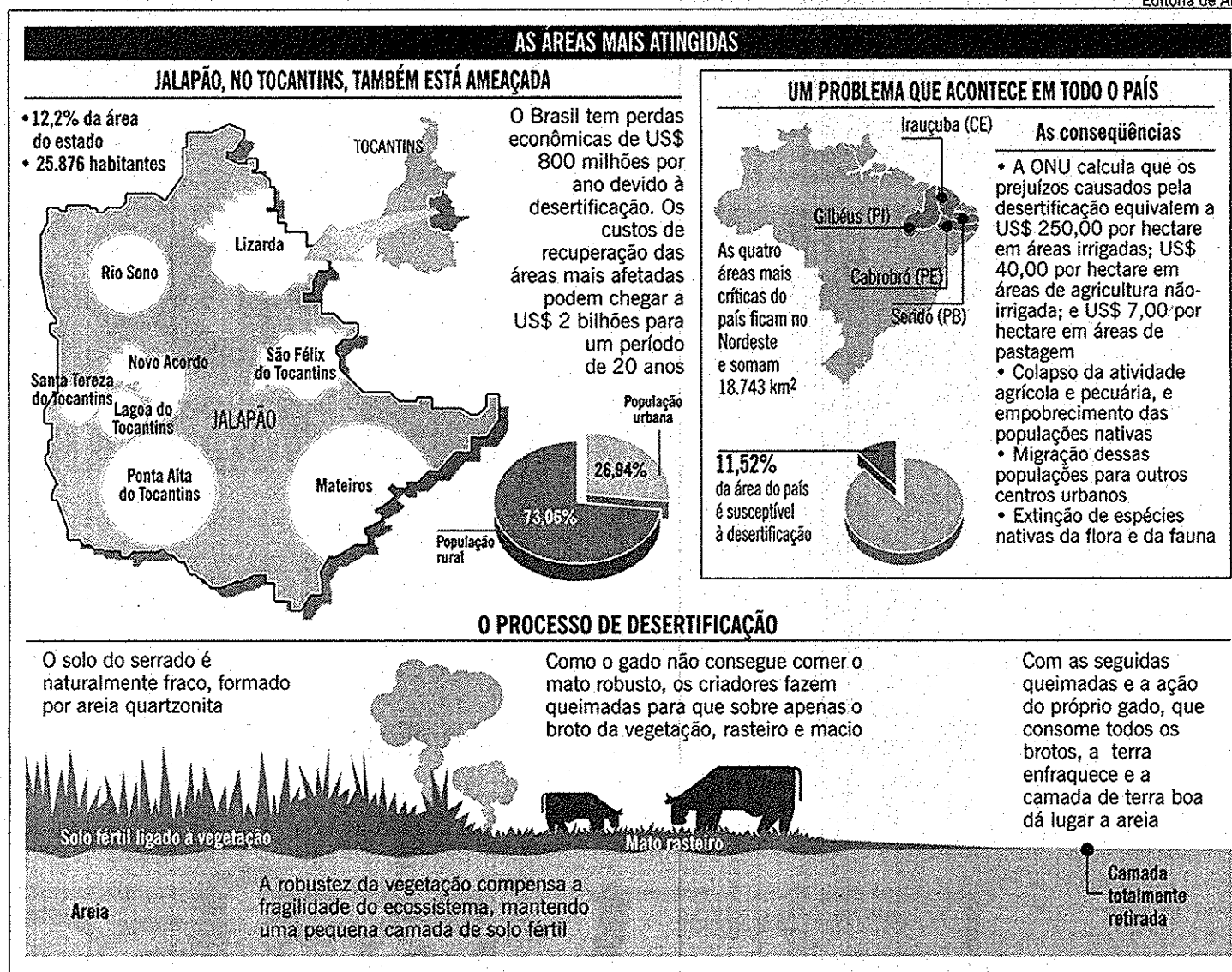
Deserto do Meio faria a ligação da Caatinga com o Cerrado

O Deserto do Meio juntaria a Caatinga ao Cerrado, do Maranhão ao Mato Grosso do Sul, cobrindo áreas de todos os estados do Nordeste e do Centro-Oeste, e engolindo florestas no Tocantins.

Vasconcelos Sobrinho morreu em 1991, aos 89 anos, quando sua profecia começava a se cumprir rapidamente na Caatinga nordestina e no Jalapão, no Leste de Tocantins, numa área equivalente a 12,2% do estado, coberto pela Floresta Amazônica e pelo Cerrado.

É um deserto que não venceu totalmente a vegetação, mas que se esconde debaixo do mato e já levantou dunas de quase 50 metros de altura. São 34,1 mil quilômetros quadrados de areia cor de cobre e branca, prontos para se juntar aos 18,7 mil quilômetros quadrados já desertificados no semi-árido do Nordeste, divididos em quatro áreas críticas: Gilbués, no Piauí; Irauçuba, no Ceará; Seridó, na Paraíba; e Cabrobó, em Pernambuco.

A desertificação é um fenômeno mundial, com conseqüências desastrosas para o meio ambiente. A começar pelo colapso econômico, produzindo fome e emigração. Desertos como os do Saara



(África) e o Atacama (Chile) são formados por circunstâncias geográficas e se mantêm equilibrados dentro de suas características naturais. As áreas desertificadas nascem da destruição ambiental e crescem desordenadamente graças a um processo que só pode ser interrompido a um custo muito alto.

Da década de 30 até hoje, o Tesouro dos Estados Unidos já gastou US\$ 20 bilhões na tentativa de reequilibrar o ecossistema do Meio Oeste — 380 mil quilômetros quadrados. O investimento do Governo americano continua na região, que ainda sofre as conseqüências da ocupação desordenada.

No Brasil, a desertificação no Nordeste é uma realidade desde o século passado. Até 1977, quando Vasconcelos Sobrinho avisou ao mundo que os trópicos estavam secando, o Brasil conti-

nuou ignorando o processo. Mas a morte de 500 mil africanos na Zona de Saara (abaixo do Saara), no início dos anos 70, sensibilizou a comunidade internacional. E o Brasil, graças a Vasconcelos Sobrinho, admitiu o problema.

De lá para cá, no entanto, nada foi feito para conter o avanço do areal. O Programa Nacional de Controle da Desertificação, ligado ao Ministério do Meio Ambiente, tem R\$ 200 mil para continuar fazendo, este ano, um levantamento de todas as áreas com potencial de desertificação no país.

Autoridades só admitiram o problema quando ele foi discutido na Rio-92

Esses estudos, iniciados em 1996, resultaram no primeiro diagnóstico detalhado das áreas críticas, com mapas de susceptibilidade e ocorrência, mas limi-

tados aos termos da Convenção Internacional de Combate à Desertificação, assinada pelo Brasil em 1993. A convenção, contudo, define que desertificação é a degradação da terra apenas nas "regiões áridas, semi-áridas e subúmidas secas" por causa de variações climáticas e de atividade humana.

O coordenador do Programa Nacional de Combate à Desertificação, Heitor Mattalo Júnior, explica que as autoridades brasileiras admitiram oficialmente o problema há cinco anos, quando o assunto foi discutido na Rio-92.

O aparecimento de zonas de desertificação fora das áreas previstas pela ONU, diz Matallo Júnior, cria um problema antes de se resolver o antigo. Para ele, a solução é criar programas regionais mais abrangentes e incluí-los numa convenção específica para áreas espe-

ciais, como o Cerrado brasileiro. E será preciso muito mais dinheiro. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, o Brasil perde por ano R\$ 800 milhões por causa da desertificação. Só as quatro áreas mais afetadas do Nordeste precisam de R\$ 2 bilhões nos próximos 20 anos. A ONU calcula que cada hectare desertificado dê um prejuízo patrimonial médio de US\$ 40, em áreas como o Jalapão. Se o Deserto do Meio virar realidade, o país terá um prejuízo de R\$ 8 bilhões.

Em oito municípios de Tocantins atingidos, vivem 25,8 mil pessoas, que sonham com a ida de turistas para ver as dunas. O solo de Jalapão é fraco, formado por areia de quartzo, mas a fragilidade do ecossistema era compensada pela robustez da vegetação. O gado não consegue comer o mato e os agricultores o queimam até que só sobre o broto, rasteiro e macio. A cada queimada, a terra fica mais fraca.

— A tendência é que isso aqui vire um deserto mesmo. Com as queimadas, a terra vai perdendo força e virando areia pura — diz Caubi Soares, chefe da fiscalização do Ibama na região.

Sitiante: "Aqui só dá marimbondo, calango e onça"

Por causa das queimadas, nas áreas onde a vegetação reagiu e recobrou o terreno, a areia está intacta embaixo do verde. Nas dunas do Jalapão, esta guerra está perdida. Joaquim, o sitiante, tem 40 anos e nunca saiu do Jalapão. Ele garante que a agricultura (de subsistência) vem se restringindo a pequenas plantações de mandioca e milho:

— Aqui só dá três coisas: marimbondo, calango e onça.

O vereador Raimundo Nonato (PPB) ganha R\$ 350 por mês e engorda o orçamento fazendo frete. No primeiro mandato, ele sonha em asfaltar 370 quilômetros da estrada que liga Mateiros a Palmas. Por causa das pedras, dos buracos, da areia e da necessidade de se atravessar o Rio do Sono numa balsa, a viagem de Palmas a Mateiros dura, no mínimo, oito horas de carro. Com o asfalto, acredita Nonato, virão turistas, saneamento, telefone e energia elétrica.

O professor Emivaldo Russo Cunha ganha salário-mínimo na única escola pública de Mateiros e, ao contrário do vereador, teme que a exploração turística de Jalapão extermine o que sobrou da vida natural: araras-azuis, onças, capivaras, antas, pacas, tatus e emas. ■

O WOOD
29106197 3
216

Ailton de Freitas



UM PÉ DE MANGABA resiste no Deserto do Jalapão, onde o avanço da areia confirma a profecia feita pelo agrônomo pernambucano João Vasconcelos Sobrinho numa conferência da ONU em 1977: o sertão vai virar deserto